

# A Maior Vitória na Campanha de Canudos

(Do livro "A GENTE DA TERRA DE IBIRAPITANGA" — Capítulo 59 — Prudente de Moraes). Autor: Major Murillo Teixeira Barros)

Um grave acontecimento, porém, veio perturbar a paz interna que reinava de pouco tempo: o caso de Canudos.

Nos sertões da Bahia, Antonio Conselheiro — um indivíduo desequilibrado, conseguiu empolgar grande parte da população do interior, fundando o arraial de Canudos, junto ao rio Vasa-Barris, situado em pleno coração do pior sertão baiano. Lendas e fantasias sobre fatos milagres e fatos extraordinários empolgaram uma gente rústica, ignorante e cuja mentalidade tinha 200 anos de atraso. E os fanáticos de Antonio Conselheiro, pirotécnicamente denominados "jagunços", não tardaram a realizar excursões e tropeias pelos arredores, ameaçando cidades e alarmando as populações sertanejas.

Canudos tornou-se um valhacouto de bandidos e criminosos que, para lá acorriam, por encontrar segura proteção dispensada pelo profeta bronco, podiam viver livres da perseguição policial. E o seu desenvolvimento foi uma aberração social, constituindo um quadro sui generis, cujos fatores: clima, meio, circunstâncias, ideias e formação — fornecem interessantíssimo estudo à Psicologia, Etnografia, História e Sociologia.

O fato de Antonio Conselheiro pregar contra a República fez derramar por todo o país uma onda jacobina de furor republicano e, para extirpar a aberração social, recorremos à pior de todas as soluções, transformando-a em um caso militar.

As condições especialíssimas da luta determinaram uma série de erros militares e humanos, caracterizando, em cores carregadas, a praxe nacional das imitações, que seriam risíveis se não fossem convertidas em dolorosas tragédias.

A Escola Militar era, nessa época, um centro cultural de valor. Os jovens oficiais, que dela saíam, conheciam Matemática, Filosofia, Sociologia e História. Mas nada sabiam de terreno, empregavam mal o armamento, não sabiam manobrar a tropa e pouco entendiam do funcionamento dos serviços. Em compensação, sabiam de cor os princípios de tática mais modernos e todos os artigos mais atualizados do Regulamento de Infantaria dos exércitos europeus.

Uma campanha militar está condicionada aos fatores: missão, inimigo, terreno e meios.

A missão consiste em destruir as forças inimigas, cortando suas fontes de suprimentos e impedindo que receba reforços.

O inimigo é outro fator ponderável. Estudar suas possibilidades, o seu valor combativo, os seus métodos de ação e a sua capacidade de resistência, é o dever precipuo de todo chefe militar que não quer ser derrotado no primeiro combate.

O terreno deve ser considerado da maior ou menor reação à operação que deve ser executada.

E, finalmente, os meios consistem no emprêgo da tropa, tirando o máximo de rendimento do armamento, fazendo a manobra fogo e movimento e funcionando os serviços de abastecimento, de remunciação e de evacuações.

As tropas do exército, enviadas contra o arraial sedicioso, combatiam de acôrdo com os preceitos mais modernos da tática e, por isso, eram mal sucedidas. Os batalhões, em ordem cerrada, executavam perfeitos movimentos de ordem-unida, a toque de corneta, ostentando vistosos uniformes de túnica azul e calças vermelhas, e assim investiam contra as posições dos jagunços que, dispersos no terreno, fuzilavam, por trás de excelentes cobertas, os esplêndidos alvos formados pelas tropas legais. Havia, portanto, da parte dos chefes militares, a preocupação de cumprir o Regulamento de Infantaria mais atualizado, que não se adaptava ao caso, e desprezavam os outros fatores preponderantes e indispensáveis a uma boa solução militar.

Os jagunços, com suas roupas adequadas ao meio e com um maravilhoso instinto de defesa, aproveitavam judiciosamente o terreno e tiravam excelente rendimento do armamento rudimentar, levando indiscutível vantagem sobre os métodos clássicos, rígidos, inflexíveis e vulneráveis.

O fracasso da primeira expedição não serviu de lição e nem se procurou corrigir suas falhas para as expedições imediatas.

A segunda, embora tivesse repetido os mesmos erros da anterior, repeliu um ataque dos jagunços e teria tomado Canudos, se não fosse obrigada a retroceder por ter as suas munições esgotadas.

A terceira expedição, apesar de todo aparato bélico, foi chefiada por um semi-louco, cujo plano, no expressivo dizer de Euclides da Cunha, consistiu em meter 1.300 baionetas dentro de Canudos, o que não era decisão de um chefe militar e sim a de um delegado policial enérgico.

O seu desastre comoveu profundamente a alma nacional. A opinião pública, mal esclarecida pela imprensa, viu, no ruidoso insucesso do coronel Moreira César a ação insidiosa dos inimigos da República. E a multidão, exercendo ação vingadora, cometeu desatinos, praticando assassinatos, empastelando jornais monarquistas e fazendo outras violências.

E, finalmente, o governo mobilizou 18 mil homens

e o Marechal Carlos Machado Bittencourt, ministro da guerra, transportou-se para Monte-Santo, base de operações, para dirigir a campanha. Não era um gênio militar e nem procurou nos compêndios uma solução clássica entre os melhores mestres da guerra.

Como discípulo de Caxias, aplicou a singela doutrina: "a guerra é ganha com os serviços". Na guerra do Paraguai, era tenente e viu o Patrono do Exército só os serviços estavam organizados e em pleno funcionamento. E fez a mesma cousa.

Cuidando de enviar comboios, com regularidade, o Marechal Bittencourt deu solução ao problema e viu Canudos, depois de heróica e desesperada resistência, cair, encerrando uma das páginas mais trágicas de nossa história.

Nessa luta inglória, porém, tivemos uma brilhante vitória que nenhuma guerra ainda obteve: um livro que orgulha a literatura brasileira: "Os Sertões" de Euclides da Cunha.

Foi na campanha de Canudos que o Brasil do litoral conheceu fundamente a existência de outro — o Brasil dos Sertões.

— "Antes de Canudos pode se dizer que a Nação era oficialmente constituída pelas cidades do litoral, as margens das estradas de ferro, as zonas de produção fácil — os brasileiros que liam jornais e votavam nos partidos do governo — a camada superficial da população que explorava a riqueza, constituía o corpo de funcionários e vivia de pequenos recursos. (1)

E Euclides da Cunha no seu "brado vingador", como sugestivamente denominava "Os Sertões", nos fez a estupenda revelação do nosso interior, tarefa gigantesca

e difícilíssima que reclamava os concursos de — "um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista que sabe ver e descrever". (2)

E Euclides da Cunha foi tudo isso ao mesmo tempo, pois reuniu uma inteligência brilhante e uma vastíssima cultura, conciliando qualidades complexas e antagônicas ao compor "o maior monumento da literatura nacional" e que seria o Evangelho do futuro do Brasil.

O problema decisivo dos destinos do Brasil consiste em integrar o interior na comunhão nacional.

A mudança da Capital Federal para o planalto central; o saneamento do São Francisco, com todas as obras complementares para o aproveitamento de Paulo Afonso; a organização da agricultura e da pecuária; a abertura de estradas, escolas e postos de higiene; e tudo que não se fez até agora em proveito das populações sertanejas, que vivem com 200 anos de atraso; são problemas que Euclides da Cunha pôs em equação e que, dentro de programas realizadores, reclamam estadistas de pulso e administradores de visão ampla que, trabalhando apoiados por uma opinião pública esclarecida, transformem o Brasil em uma terra de trabalho, fartura, paz e liberdade.

Murillo Teixeira Barros

2 de julho de 1952.

Bibliografia

(1) Silvio Rabelo — "Euclides da Cunha".

(2) José Veríssimo — "Estudos de Literatura" (Transcrição de Silvio Rabelo).